
Nota:

Parte do Caderno Minarete do Jornal Correio Popular de Campinas.

Depoimento "Carta aos artistas" de Raul Porto publicada na edição de Setembro de 1958.

Fonte de pesquisa: Arquivo Histórico Wanda Svevo/Fundação Bienal.

depoimento

carta aos artistas

(em particular a perina, sacchi, bueno, belgrado jurgensen, souza, coluccini e righetto)

— raul pôrto —

há pouco chegaram à província (ilha imensa) leves rumores de revoluções artísticas, movimentos de pensamento estético que puseram abaixo todo conceito tradicional de arte, em sua expressão, concepção, realização e entendimento. Começou-se a falar, em baixa voz em certos nomes mágicos, de assustadores bruxos do pincel, como picasso, chagall, léger, kandinsk, escultores como calder, moore e brancusi, e outros mais, graças às campanhas de divulgação realizadas pelo museu de arte moderna, com suas três bienais de pintura, nomes como mondrian, Klee, são totalmente ignorados, pois são pintores jovens (ambos já mortos — obras principais datam de 1933 a 38) sem departamento de publicidade, não obstante todo o desconhecimento, a falta de convívio com o fenômeno artístico, encontramos sempre expressões gratuitas de certos escribas acéfalos, que só sabem meter o pé no que não lhes compete, que se ericam todo com as deformações da pintura figurativa contemporânea, mas que se ericarão ainda mais quando descobrirem que acabou a pintura de cavalete, que as naturezas mortas estão realmente defuntas, que a hora criativa não tem nenhuma relação com a cópia (ainda que expressivamente deformada) da realidade, dos seres e das coisas. a hora artística é da criação total, dentro de uma racionalidade, geométrica sem ser geometria, numa disciplina criativa que escapou aos não-figurativistas de tendências abstratas. os escribas acéfalos que protestam invariavelmente contra tudo que não é conservador, não se manifestaram acerca da exposição de arte contemporânea (de 2.9 a 14.9.57 — municipal), a não ser o comentário água-com-açúcar do crítico oficial que faz questão de frisar exposição de pintores modernistas, mas não atua do outro lado, pois nunca escreveu: exposição de pintura antiga de fulano.

entretanto, tendo em vista a ameaça de perdurar, ainda por muito tempo, o mito

de terra da arte e da cultura e a quase total falta de apoio (dos órgãos oficiais) que só realizam — assim mesmo com a imprescindível colaboração de abnegados e dos próprios artistas que vão pendurar seus quadros nas pranchas — o salão anual de belas artes, cujos prêmios são pagos com atraso considerável, não dando nem o apoio material aos artistas laureados, que geralmente são os grandes sacrificados) é que a única solução para construir uma arte atual acompanhando — com atraso lastimável — as cidades civilizadas, renovando os padrões de gosto vigentes, é formar um grupo de ação, a fim de fazer valer opiniões (voz grossa e em coro), acolher vocações e fomentá-



—las, realizando ou fazendo realizar exposições várias vezes por ano, para provocar a discussão e o interesse, tomar uma atitude de luta, não de expectativa.

note-se, ainda, o descaso quando da realização da recente exposição de arte contemporânea: tinham seus organizadores reservado o saguão do teatro para o dia 1 de agosto, que, entretanto, foi cedido para a exposição de um pintor insignificante, em detrimento de uma pintura viva.

não temos tradição plástica. nossos artistas do passado pouco nos dizem hoje em dia. todos eles — se excetuarmos alguns escultores do período colonial — foram débeis ecos da pior pintura acadêmica européia... hoje estamos melhor informados e, às vezes, até em demasia... somos um país jovem, paradoxalmente conservador... temos um temor medieval por tudo que é novo e um medo irresistível da vida e do movimento. i

devido à falta de divulgação, ao desinteresse em mostrar um pintura atuante, ao invés de chorosos quadros de tacho com cebolas, é que se nota a total ignorância da maioria dos frequentadores das salas de exposição, sem contar os que nem sequer tomam conhecimento do fato. a grande verdade é que os quadros não-acadêmicos provocam arranques de cabelos em muita gente. mas o maior defeito está na maneira de vê-los, na falta de educação visual. a longa caminhada através de casas, coqueiros e figuras inexpressivas, viciou os olhos na procura do real, mas numa procura facilitada pela cópia perfeita e acomodada, por isso a busca dessa identificação com a realidade visível, é a causadora da frustração do espectador comum e desavisado, principalmente diante de quadros não-figurativos.

não obstante, o desprezo (já justificado) de muitos pelas renovações artísticas, não funciona com relação às renovações artísticas dentro de utensílios de uso doméstico, das padronagens de tecidos, das linhas dos móveis, dos copos de iluminação, da própria revista semanal paginada na melhor linha mondrian. objetos que foram criados, em sua maioria, por artistas de vanguarda que trabalham na escola superior da forma em ulm, alemanha, tendo max bill, eugen gomringer e charles wyss à frente. essas pessoas deviam ser coerentes com seu modo de pensar e de agir, usando painéis de 1.900, móveis luiz xv, lustres de cristais, o malho, deixando até o conforto da luz elétrica que sem dúvida é invenção do diabo.

é evidente que devemos viver o momento artístico.

o passado deve servir o presente, a recíproca não vale. ii

i — flávio de aquino — jovens devem ser jovens. isto é, pintar novos mundos, entusiasmar-se, até o fanatismo, pelas novas formas de arte, caminhar para a frente de qualquer maneira e largar para trás este resíduo de passado acadêmico que nada significa para nós i

i — flávio de aqui — jornal de letras — maio de 1.952.
ii — waldemar cordeiro — revista ad — n.º 21.